



Entre a conversão antropológica e a regressão ética: uma apologia do *decrescimento* no debate ecopolítico atual

Between anthropological conversion and ethical regression: an apology for degrowth in the current ecopolitical debate

Besson-Girard, J-C. Por uma conversão antropológica: o decrescimento é a saída do labirinto.
In: Léna, P.; Nascimento, E. P. (Orgs.). *Enfrentando os limites do crescimento: Sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 371-380, 2012.

Dante Carvalho TARGA¹*

¹ Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

*E-mail de contato: vasudevaparayana@hotmail.com

Resenha recebida em 21 de abril de 2020, versão final aceita em 1 de junho de 2020, publicado em 5 de outubro de 2020.

Jean Claude Besson-Girard é pintor, escritor e colaborador do movimento ecologista francês em favor do decrescimento. Seu duplo engajamento entre a arte e a ecopolítica o conduziu, na década de 1970, à direção de uma comunidade rural calcada nos princípios do decrescimento convivial. A partir de 2006 esteve diretamente envolvido com a fundação da revista *Entropia*, voltada para a consolidação teórica da noção de decrescimento. Neste profundo artigo, as habilidades de artista e intelectual ativista se combinam para analisar a gravidade da crise so-

cioecológica sob um viés antropológico. O enfoque da colapsologia dá o tom da reflexão, que substitui a abordagem analítica e descritiva por uma expressão mais poética e experimental, envolvida com a construção de um imaginário inclinado a mudanças radicais de orientação dos rumos da humanidade.

Em sua introdução o autor afirma que, ao habitarmos individual e coletivamente este mundo lidamos com o que foi deixado pelos que nos antecederam, ao mesmo tempo em que legamos um

estado de coisas para os que nos precederão. Neste *uso do mundo*,

deixamos rastros materiais e imateriais de nossa passagem (...) São pegadas à nossa frente, já que envolvem aqueles que nos seguem, aqueles que chegam no que acontece, da mesma forma que somos envolvidos, durante nossa vida, pelas pegadas daqueles que nos antecederam (Besson-Girard, 2012, p. 370).

É assim que, nos últimos séculos, a forma como temos habitado o planeta projeta os passos seguintes da humanidade para a queda em um abismo, caso profundas transformações em nosso modo de caminhar não venham a ocorrer agora mesmo.

Segundo Besson-Girard, o momento atual estaria marcado por uma ambivalência paradoxal: ao mesmo tempo em que o conhecimento humano atinge os mais altos níveis de desenvolvimento, a espécie humana encontra-se ameaçada por seu próprio comportamento. Diante disso, a primeira parte do texto pontua a especificidade deste momento com algumas questões. Afinal “o que acontece hoje de tão diferente do que já aconteceu?”. E mais: “O que falta ao ser humano para poder enxergar aquilo que, para poder sobreviver, ele precisaria renunciar, ou no mínimo transformar radicalmente, para liberar seu horizonte?” (Besson-Girard, 2012, p. 372). A busca de respostas a estas perguntas acaba por desvelar uma questão norteadora ainda mais abrangente: o fim das certezas e a falta de pontos fixos de apoio para novos esquemas de pensamento, ideologias e organizações coletivas não seriam o sinal de uma definitiva falência antropológica?

O texto sustenta a hipótese de que as condições materiais em nosso momento atual abrigam um elemento inédito que deve sobredeterminar tudo o

mais: a urgência face aos colapsos socioecológicos iminentes. Este horizonte de incerteza integra o cenário de uma crise multidimensional que coloca em xeque o dogma do crescimento econômico ilimitado e da regulação guiada pela “mão invisível” dos mercados concorrenciais. Segundo Besson-Girard, atualmente quatro tipos específicos de crise confluem no sentido da formação de uma situação ineditamente ameaçadora: i) uma crise energética ligada ao esgotamento e encarecimento dos recursos fósseis, aliada ao consumismo compulsivo generalizado; ii) uma crise climática ligada à perda de bio e sociodiversidade, gerada pela tendência dominante de privatização dos recursos naturais; iii) uma crise social que emerge da intensificação das desigualdades num cenário de globalização neoliberal das economias nacionais; e iv) uma crise cultural associada à perda de referências normativas. Mas para além destas limitações drásticas ao nosso uso coletivo do mundo, o autor argumenta que nos deparamos já há algum tempo com um *apagar da consciência* que bloqueia nossas habilidades de compreender a gravidade da situação e enfrentá-la de forma consistente. Embora possamos testemunhar diariamente as evidências do caráter suicida do projeto civilizatório dominante em meio ao qual construímos nossas vidas particulares, ainda não dispomos de ferramentas para mudar seu rumo. É neste sentido que se pode acrescentar aos componentes deste “complexo crítico” uma crise antropológica manifesta sob a forma de um novo *mal estar na civilização*; “um tipo desconhecido de temor difuso, presente no pano de fundo de conversas triviais” (Besson-Girard, 2012, p. 370).

Neste cenário, as limitações das nossas habilidades para reconhecer a magnitude do problema e encaminhar soluções à altura tornam-se flagran-

tes. Elas refletem a hipertrofia de um padrão de conhecimento fragmentado do *Sistema-Terra*, que permanece atrelado ao paradigma científico analítico-reducionista e avesso a uma reflexão capaz de abrigar adequadamente a incerteza e a complexidade. Diante disso, na segunda parte do texto, o autor acentua a necessidade imperativa de uma *conversão antropológica* “a ser posicionada deliberadamente *no negativo*” (Besson-Girard, 2012, p. 375). Face a uma conjunção histórica de crises e regressões éticas que estão colocando em risco a própria sobrevivência da humanidade, o leitor é convidado a admitir que somente uma reavaliação crítica dos próprios fundamentos da modernidade ocidental poderia nos dotar da lucidez e da coragem exigidas para transcendermos o dogma do crescimento material ilimitado num planeta de recursos finitos – um dos pilares do imaginário industrialista-consumista hegemônico. Neste sentido, o ideal de *decrescimento* é considerado no artigo não como uma simples tese abstrata, mas como uma opção deliberada de resgatarmos o sentido último que queremos doar às nossas vidas. Dito de outra forma, corresponderia a uma “libertação do imaginário” (Besson-Girard, 2012, p. 379) para forjarmos novos olhares sobre o que está dado e, dessa forma, desvelarmos uma via mais efetiva para as mudanças drásticas de rumo que se tornaram imprescindíveis.

A terceira parte do texto reforça esta leitura do ideário do decrescimento entendido como algo mais do que apenas um conceito a ser contraposto à retórica do crescimento indefinido das economias nacionais. Neste ponto Besson-Girard declina da abordagem técnica e de viés econômico para representá-lo como uma forma singular de sensibilidade. Assim como a inocência da criança em perguntar os porquês de tudo por vezes revela uma capacida-

de crítica ameaçadora para os adultos, também o decrescimento deve se colocar nessa posição: não aceitar o que está dado como definitivo e questionar as crenças mais arraigadas que nos trouxeram à beira do abismo. De certa forma, ele sugere um atropelamento do “como” pelo “porquê”. Pois o “como” só se dá no interior da aceitação de uma visão do homem e do mundo, e o “porquê” pretende se alçar para além. Este âmbito mais fundamental de questionamento é precisamente o solo da “conversão antropológica” advogada pelo autor.

Esta exortação do ideal de decrescimento apoiada na metáfora da conversão antropológica poderia ser vista como expressão do que Robyn Eckersley (1992) classificou como a fase emancipatória do pensamento ecológico, na qual as medidas de enfrentamento da crise socioecológica passam a exigir um questionamento radical do projeto civilizatório moderno como um todo. De fato, reiterando o que já foi destacado acima, para Besson-Girard (2012, p. 378), “o decrescimento questiona as crenças que levaram a humanidade até o final do impasse planetário atual, no fundo do labirinto”. Apontando na mesma direção, alguns teóricos evitam associar este conceito a uma nova teoria empírica do desenvolvimento que estaria voltada à busca de soluções paliativas para o *status quo*. Antes, sua difusão num cenário de colapso socioecológico global deveria atender à necessidade fundamental de minar as bases de sustentação do ideário industrialista que se tornou dominante. O decrescimento deve figurar como um “slogan político provocador” (Latouche, 2012).

Quanto à noção de conversão antropológica, além da alusão direta à força emotiva de uma possível transformação de caráter religioso, talvez também possamos interpretar a ideia de conversão

no sentido que Thomas Kuhn (2009) a empregou ao falar sobre mudanças de paradigmas na ciência. Uma conversão antropológica, portanto, deve inaugurar um novo modo de ver e habitar o mundo, preparando o terreno para outras manifestações possíveis da consciência e para experimentações transgressivas com novos *modos de vida* liberados das malhas da “ideologia econômica”.

Mas em meio a esta poética e provocante apologia do decrescimento, uma breve digressão do autor confere ao texto um caráter renovadamente atual, que justifica essa atrasada resenha. Para Besson-Girard, a nova lucidez a ser alcançada por meio de uma conversão antropológica é caracterizada por uma imersão no *espaço cognitivo do negativo*. Isso implica em: i) permitir que aceitemos abertamente a possibilidade da fatalidade para a humanidade; ii) rejeitar a hipótese do “fim da História” enquanto rendição aos descaminhos do capitalismo contemporâneo; iii) reconhecer que a evolução ética não é linear e irreversível, guardando, a qualquer momento histórico, possibilidades de regressão à barbárie. E eis que, de passagem, o autor escreve:

Para falar em alteridade, só tenho do Brasil um conhecimento livresco, fragmentário e fantasiado pelo imaginário que alimentou meus sonhos de criança e adolescente. Mas, ao escrever estas linhas, meu olhar se volta, ao mesmo tempo, para fotografias que Sebastião Salgado tirou de São Paulo, em 2002 e para as notícias do *Survival internacional*, que me informam, neste início do mês de junho de 2011, que uma comunidade de Índios Guarani está recuperando parte de suas terras ancestrais após ter vivido à beira de uma estrada durante cerca de dois anos... Mas é com este universo que me sinto em sintonia (Besson-Girard, 2012, p. 378).

Ora, é surpreendente verificar como o próprio texto, escrito em 2012, constitui hoje uma lamentável validação de seu próprio argumento acerca dos riscos de regressão ética que nos acompanham como uma sombra a cada momento histórico. Segundo dados do relatório anual da Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2020, p. 172) “2019 foi mais um ano muito violento no campo, com registro de 32 assassinatos, 14% a mais em relação ao ano de 2018. Destacamos que em 2019, houve aumento no número de lideranças indígenas mortas em conflitos no campo, o maior nos últimos 10 (dez) anos.” E para além dos dados processados, outra infeliz atualização: neste início de abril de 2020, enquanto escrevo a presente resenha, mais um líder indígena da etnia Guajajara é assassinado a tiros no Maranhão. O diretor do Centro de Educação Escolar Azuru e professor há 23 anos, Zezico Rodrigues Guajajara, foi a segunda vítima em cinco meses de uma escalada de violência na região (Betim, 2020). Assim, em um espaço de oito anos desde a publicação do artigo de Besson-Girard vivemos em um país que oprime, ameaça e mata as populações indígenas de forma brutal, mediante a validação midiática da violência estrutural pelo próprio chefe do poder executivo. Neste contexto, ganha relevo especial uma advertência do autor que parece ajustar-se como uma luva ao que estamos vivenciando nos dias de hoje:

A humanidade do homem é precária. Ela nunca deixa de conter uma regressão potencial até o ponto em que renuncia, como sugiro aqui, o apagar da consciência. Os progressos históricos, por menores que sejam, conquistados contra a fatalidade e a covardia, mérito de uma certa humanização e esperança de uma possível emancipação em relação a qualquer outra nova forma de alienação, devem sempre ser defendidos com firmeza e coragem sem falhas, a cada nova geração (Besson-Girard, 2012, p. 377).

Neste início de 2020, se as possibilidades de regressão ética permanecem estampadas em todas as vitrines, a esperança de uma conversão antropológica associada ao ideário do decrescimento soa infelizmente como algo ainda distante. Mas talvez a súbita irrupção de uma pandemia de dimensões planetárias venha confrontar esta impressão. Tendo em vista o advento da pandemia do Covid 19, seria plausível admitirmos que as transformações geopolíticas e a depressão econômica que se anunciam poderão alavancar uma revisão drástica de nossas prioridades e necessidades “básicas”? Ou recairemos no equívoco histórico do desenvolvimentismo economicista visto como uma panaceia para superar as mazelas de um novo trauma mundial? Só o tempo dirá...

Referências

- Betim, F. Liderança indígena Guajajara é assassinada a tiros no Maranhão, a segunda em cinco meses. *El País – Brasil*, São Paulo, 1 de abr. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-31/lideranca-indigena-guajajara-e-assassinada-a-tiros-no-maranhao-a-segunda-em-cinco-meses.html>>. Acesso em: abr. 2020.
- Comissão Pastoral da Terra. *Conflitos no Campo – Brasil – 2019*. Goiânia: CPT, 2020.
- Eckersley, R. *Environmentalism and Political Theory: Toward an Ecocentric approach*. London: UCL Press, 1992.
- Kuhn, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- Latouche, S. O decrescimento, por que e como? In: Léna, P.; Nascimento, E. P. (Orgs.). *Enfrentando os limites do crescimento: Sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 45-54.